

Dirección y Edición
MANUEL PELÁEZ DEL ROSAL

EL FRANCISCANISMO HACIA AMÉRICA Y ORIENTE

LIBRO HOMENAJE
AL P. HERMENEGILDO ZAMORA JAMBRINA, OFM



UNIVERSIDAD INTERNACIONAL
DE ANDALUCÍA



ASOCIACIÓN HISPÁNICA
DE ESTUDIOS FRANCISCANOS



EXCMO. AYUNTAMIENTO
DE ESPARTINAS

MANUEL PELÁEZ DEL ROSAL
DIRECCIÓN Y EDICIÓN

EL FRANCISCANISMO
HACIA AMÉRICA Y ORIENTE

LIBRO HOMENAJE
AL P. HERMENEGILDO ZAMORA JAMBRINA, OFM

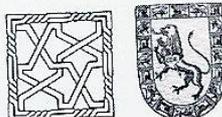


ASOCIACIÓN HISPÁNICA
DE ESTUDIOS FRANCISCANOS



EXCMO. AYUNTAMIENTO
DE ESPARTINAS

CÓRDOBA, 2018



AHEF
Sede de Priego de Córdoba

MANUEL PELÁEZ DEL ROSAL (Dir. y ed)

EL FRANCISCANISMO HACIA AMÉRICA Y ORIENTE

Primera Edición:
Abril 2018

Páginas:
584, tamaño 17 x 24 cm; resolución: 150 - 200 ppp.

Tipografía:
Texto realizado en tipo Times New Román 10 ptos., notas y cabeceras en 8 pts.

Papel:
Estucado de 90 grs.

Encuadernación:
Rústica, cosido con hilo vegetal y cubierta plastificada

Motivo de la cubierta
Expedición franciscana (S. XVI)

Motivo de la contracubierta:
Convento de Loreto

ISBN: 978-84-938149-3-9
Depósito Legal: CO 757-2018

© Academia de Cronistas de Ciudades de Andalucía
© Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos (A.H.E.F.)
© Manuel Peláez del Rosal
© El autor de cada artículo

Impresión:
IMPRESO EN ESPAÑA - PRINTED IN SPAIN

MARIA DO CÉU TERENO
Universidade de Évora
MANUELA MARIA TOMÉ
Investigadora. Setúbal
MARIA FILOMENA MONTEIRO
Câmara Municipal de Évora

**ARQUITETURA CONVENTUAL FRANCISCANA.
TRÊS CONTINENTES, TRÊS CASOS DE ESTUDO:
ÉVORA (PORTUGAL), GOA (ÍNDIA) E SALVADOR (BRASIL)**

Resumo: As antigas ordens monásticas postas em causa devido às riquezas acumuladas e vida faustosa inadequada aos princípios cristãos que deveriam seguir, foram ultrapassadas pelas novas ordens conventuais, de cariz urbano e com valores ético-religiosos renovados. Destes movimentos, os mendicantes, assumiram papel relevante devido à ação marcante desenvolvida no apoio às populações urbanas. Efetivamente, no século XIII o ideal de pobreza na Europa cristã foi totalmente reforçado por S. Francisco de Assis. Os novos religiosos, seus seguidores, – irmãos menores – adotaram uma vida despojada e errante fundando, rápida e progressivamente, na proximidade dos núcleos urbanos situados nos territórios à data conhecidos, novas casas religiosas. Para tal contribuiu o espírito missionário acentuado que, pouco depois do início deste movimento, galvanizou os seus inúmeros seguidores. A divulgação deste ideal através, quer das ações quer dos preceitos evangélicos ocorreu nas mais remotas cidades. Quanto ao seu legado patrimonial edificado ele perdurou também em locais longínquos. Irão ser estudados três casos, em diferentes continentes e épocas de implantação distintas: os conventos de S. Francisco em Évora (Europa) de 1216, o de S. Francisco em Goa (Ásia) datado de 1518 e o de S. Francisco em Salvador (América), de 1585. Pretende-se analisar nestes três legados patrimoniais, situados em diferentes espaços geo-temporais, todos erigidos em antigo território português, quer a sua arquitetura assim como a influência que os mandamentos de pobreza indissociável desta Ordem representaram quer na construção inicial, quer no atual legado.

Palavras -chave: Franciscanismo; Arquitetura; Conventos; três Continentes.

Abstract: The ancient monastic orders called into question because of the accumulated wealth and lavish life inadequate with Christian principles, which then ought to have been superseded by the new monastic orders of urban nature and renewed ethical and religious values. These movements, the beggars, assumed an important role due to the strong action developed to support urban populations. Indeed, in the thirteenth century the ideal of poverty in Christian Europe was fully reinforced by St. Francisco de Assis. The new religious, their followers, —younger brothers— adopted a stripped-down and errant life, establishing new religious houses rapidly and progressively, in the proximity of the urban nuclei situated in the territories known to date. Contributing to this the very missionary spirit, shortly after the beginning of this movement, galvanized its many followers. The spread of this ideal through both evangelical actions and precepts occurred in the most remote cities. As for its built heritage legacy, he also endured in faraway places. Will be studied three cases in different continents and different deployment times: the convents of St. Francisco in Evora (Europe) 1216, the St. Francis in Goa (Asia) dated 1518 and St. Francisco in Salvador (America), from 1585. We intend to analyze these three legacies, located in different geo-temporal spaces, all erected in the former Portuguese territory or its architecture as well as the influence that the inseparable poverty commandments of this Order represented either in the initial construction, whether in the current legacy.

Keywords: Franciscanism; Architecture; Convents; three Continents.

CONGRESO INTERNACIONAL EL FRANCISCANISMO HACIA AMÉRICA Y ORIENTE
ESPARTINAS-LORETO-LA RÁBIDA (2017).

Introdução

Muitos têm sido os autores que se debruçaram sobre a figura de S. Francisco de Assis, enaltecendo a sua humanidade e espírito solidário para com o seu semelhante. É de Camões que se selecionou parte de um soneto que define o Santo de forma clara, para dar início a este trabalho.

*Como louvarei eu, Serafim santo,
Tanta humildade, tanta penitência,
Castidade, e pobreza, e paciência,
Com êste meu inculto e rudo canto?*
(Luís de Camões 1524?-1580, *Sonetos*)

Giovanni di Pietro di Bernardone ou S. Francisco de Assis, designado posteriormente como o *Poverello* (1182-1226), foi uma das figuras marcantes do monaquismo europeu coevo. Preconizou uma vida religiosa de completa pobreza através do desapego aos bens materiais, dando origem à Ordem Mendicante dos Frades Menores. Estes frades contribuíram, de forma relevante, para a renovação do Catolicismo coetâneo. Alguns desses aspetos traduziram-se na pregação itinerante, no exemplo de Cristo, na solidariedade manifestada para com os seus semelhantes, na admiração incondicional pela maravilha da Criação, e na identificação com todas as criaturas vivas.

Um dos princípios iniciais pelo qual se deveriam reger os irmãos era: “*não leveis nada pelo caminho, nem bordão, nem saco, nem pão, nem dinheiro*”¹ o que demonstrava o carácter de pobreza e desapego extremo, princípio mais tarde secundarizado.

Sobre o desempenho da sua missão, e referindo o apóstolo S. Paulo, dizia que: “*devem observar os que anunciam a palavra divina: não adular; falar sem vaidade e sem cobiça.*”² e ainda sobre os sermões que se fizessem sermões pequenos, «*porque também o Senhor na terra costumava fazer orações breves*».

O movimento gerado pelos ensinamentos de S. Francisco teve uma rápida e grande expansão, que a partir de Assis, se foi alargando a todos os continentes (Fig. 1). São exemplo os três casos que se seguem, situados respetivamente nos continentes europeu, asiático e americano.

Na Península Ibérica, estes frades tiveram grande acolhimento, fundando em Portugal, com a vinda de Frei Zacarias e Frei Gualter, conventos a partir de 1217, em Guimarães, Coimbra, Lisboa e Alenquer. A fundação de Évora remonta a cerca de 1224³, sendo a 5ª fundação desta Ordem em território nacional, num curto espaço de sete anos⁴.

A primeira tentativa de conquista de Goa, local comercialmente muito apetecível, foi realizada em 1510. Não tendo sido bem-sucedida, os portugueses fizeram uma segunda investida, ainda nesse ano, e tomaram Goa aos árabes. A implantação da Ordem Franciscana em Goa iniciou-se com a criação do Convento de S. Francisco de Assis, fundado por Frei António Louro, em 1518, que o fez acompanhado por oito frades da mesma Ordem, através de designação do Rei D. Manuel I. Este solicitou ao

¹ Santos, Júlio Eduardo dos, *S. Francisco de Assis, versão dos seus poemas, e opúsculos, acompanhada de bosquejo da vida, obra e ideal do Poverello*, Lisboa, 1927, p. 91.

² Santos, Júlio Eduardo dos, *S. Francisco de Assis, versão dos seus poemas...*, p. 48.

³ No reinado de D. Sancho II.

⁴ Santos, Júlio Eduardo dos, *S. Francisco de Assis, versão dos seus poemas...*, p. 64.

então governador de Goa, Lopo Soares de Albergaria, que permitisse a sua instalação e ação missionária⁵.

A frota de Pedro Álvares Cabral que alcançou o Brasil no ano de 1500, tendo aportado em Porto Seguro, integrava já frades franciscanos sob a alçada de Frei Henrique⁶. Chegaram posteriormente outros franciscanos ao Brasil, mas de forma pontual. A presença desta ordem só se conseguiu afirmar de forma organizada na América portuguesa, no ano de 1584 por solicitação do governador da capitania de Pernambuco, Jorge Albuquerque Coelho⁷ tendo sido criada a Custódia de Santo Antônio do Brasil, concedida por alvará régio de 12 de Outubro daquele ano e confirmação pontificia⁸. Mais tarde, em 1549, outra frota portuguesa recebeu ordens do rei D. João III, para fundar uma cidade-fortaleza chamada “do São Salvador”.

O Convento de S. Francisco de Assis⁹, em S. Salvador foi fundado em 1585, pelo frei franciscano Melchior de Santa Catarina, pertencente à Custódia de Olinda da capitania de Pernambuco, através de autorização do papa Sisto V.

A disposição geomorfológica dos conventos em apreço, na atual malha urbana pode ser observada na figura 2¹⁰.

S. Francisco em Évora (Europa, 1216): breves notas históricas

A Sé diocesana e as igrejas paroquiais de S. Tiago e S. Pedro eram, aquando da vinda do primeiro grupo de franciscanos para a urbe, os poderes religiosos aí instituídos. Pertenceria, na época, à jurisdição da Sé, para além de parte da área fortificada, todo o espaço exterior ao antigo núcleo amuralhado, tendo sido exatamente sob tal domínio eclesiástico que os irmãos recém-chegados se acolheram. Considerando a influência reduzida de que no início dispunham, a sua presença não pôs em causa o papel do clero nas igrejas da urbe¹¹. Foram certamente aceites de forma pacífica, possivelmente até amigável, pelo respetivo clero¹².

Só posteriormente, tal situação se veio a alterar, em consequência da confrontação de poderes e interesses, devido à crescente e marcante influência dos franciscanos

⁵ Dias, Pedro (2005). *De Goa a Pangim, Memórias tangíveis da Capital do estado Português da Índia*. Lisboa: Santander Totta. ISBN 9892001036.

⁶ Carvalho, Anna Maria Fausto Monteiro de, *Os conventos e igrejas franciscanas do nordeste brasileiro no período colonial Urbanismo – Arquitectura – Artes Plásticas*, pp. 19-37, in *Os Franciscanos no Mundo Português. Artistas e Obras I*, coordenação Natália Marinho Ferreira Alves, Porto, 2009. p. 19.

⁷ Fernandes, Cybele Vidal Neto, «Considerações sobre o espaço na arquitetura franciscana no Brasil», in *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*, Natália Marinho Ferreira-Alves (coordenação), CEPESE, 2013, p. 283.

⁸ Carvalho, Anna Maria Fausto Monteiro de, *Os conventos e igrejas franciscanas...*, p. 19.

⁹ Este convento foi o segundo a ser fundado no Brasil, tendo sido o primeiro fundado em Olinda no ano de 1585.

¹⁰ Pelas fontes históricas consultadas pode concluir-se que nos casos estudados, a construção dos edifícios das Sés de Assis (Catedral de S. Rufino - 1140/1253), Évora (Basílica Sé de Nossa Senhora da Assunção - 1186/1204), de Goa (Sé de Santa Catarina de Alexandria - 1514/1534) e Salvador da Bahia (Catedral Basílica de São Salvador da Bahia - 1552) antecederam sempre a construção dos conventos franciscanos referidos.

¹¹ Pela Ordem era-lhes limitada a ação à pregação moral.

¹² Monteiro, Maria Filomena Mourato, *Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano de Évora na Baixa Idade Média*, Tese de doutoramento em Arquitectura, apresentado à Universidade de Évora, policopiado, 2011.

sobre a população¹³. No clero regular, entre a pobreza evangélica e a riqueza institucional, o património ia-se acumulando através de dádivas espontâneas, dos direitos de estola¹⁴, do dízimo e dos direitos provenientes do culto funerário¹⁵. Foi este clero sediado na urbe que viu diminuídas muitas das verbas provenientes de testamentos que passaram a ir maioritariamente para este convento. Não raras vezes os membros mais endinheirados e crentes da comunidade eborense lhe efetuaram avultadas doações, assim como concretizaram a instituição de capelas. Também muitos dos seus devotos, querendo expressamente ser sepultados perto destes frades, abalaram significativamente a superioridade hierárquica das igrejas paroquiais, locais a que esses paroquianos por direito pertenciam, de acordo com a respetiva área de residência¹⁶. Sob o teto acolhedor da igreja dos frades menores, ou à sombra protetora da sua igreja, do seu lado norte, inúmeros foram os devotos que escolheram tais locais para sepulcro¹⁷, não obstante residentes nas mais diversas paróquias¹⁸.

A escolha usual da Ordem para a localização de um novo núcleo religioso recaía genericamente num local fora das muralhas defensivas, perto de uma porta importante da cidade e do respectivo caminho de acesso¹⁹. Terá existido em Évora uma ermida de invocação de Nossa Senhora da Graça, já no tempo de D. Sancho I, nas proximidades de S. Francisco²⁰ onde pudessem livremente exercer o culto religioso, dando continuidade a uma prática já aí instituída. Facilitava a aceitação entre a população circunvizinha, evitando-lhes simultaneamente custos iniciais mais avultados. Importante, mas não determinante, e que neste caso integrou as condições físicas do local, foi a existência de água na zona. Na verdade é referido, em diversos documentos da época, o termo “Fonte Santa” como referência toponímica, a qual, posteriormente à fixação dos irmãos passou a ser designada por “Fonte Santa a S. Francisco”²¹.

Augusto Filipe Simões, em *Arquivo Pittoresco* escreveu sobre os Paços e o Con-

¹³ Conflitos relativamente a Capelas instituídas e ao seu cumprimento foram igualmente sucedendo. Como exemplo consultar: Pereira, Gabriel, Documentos..., *ob. cit.*, p. 93.

¹⁴ Regulado pelos usos e costumes medievais e onde se integravam as ofertas efetuadas durante a celebração da eucaristia nomeadamente de pão, vinho e cera.

¹⁵ Sendo ambas taxas obrigatórias incidindo sobre os crentes, o dízimo destinando-se ao sustento do clero da diocese e conservação dos edifícios eclesiásticos era essencial. Constando na décima parte dos “frutos recolhidos”, sendo a sua coleta organizada por ruas, largos, etc..., era obviamente irregular variando com a produção do ano e a disponibilidade da mão-de-obra. Sobre o assunto: Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vols. I-IV, Portucalense Editora, Porto, 1967, vol. I, pp. 113-116.

¹⁶ No ano de 1363, em testamento Rodrigues Alves, é dito “querer ser soterrado em Sam Francisco de Évora dentro na dita igreja”. Sobre o assunto: Pereira, Gabriel, Documentos..., *ob. cit.*, pp. 69-72.

¹⁷ Nas recentes obras de esgotos realizadas na zona exterior em questão encontrou-se um sem número de despojos provenientes de tais inumações.

¹⁸ Monteiro, Maria Filomena Mourato, *Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano...*, p. 86.

¹⁹ É de lembrar que, a partir de 1214, com o III Concílio Tridentino, as comunidades religiosas minoritárias passaram a ocupar espaços limitados e separados. Grosso modo, em Évora os Mouros terão sido realocizados primeiramente para o exterior das Portas de Moura, na área da Rua da Mesquita e os Judeus, por sua vez, localizados na Porta de Alconchel, na área da atual Rua da Moeda. O Convento de S. Francisco situou-se entre estas duas portas da muralha antiga, logo ladeado pelas duas referidas comunidades.

²⁰ Carvalho, Afonso de, *Da Toponímia de Évora dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. I, Edições Colibri, Lisboa, 2004, p. 97.

²¹ Sobre o assunto: Carvalho, Afonso de, *Da toponímia de Évora dos meados do século XII a finais do século XIV* ..., *ob. cit.*, vol I, pp. 91-92.

vento e Igreja de S. Francisco, e, referindo uma crónica existente num livro de pergaminho do coro, por onde se cantavam as horas menores, transcreveu o seguinte: “*Esta Casa de S. Francisco de Évora quer aqui por o que tem para os que vierem saibam o que é da Casa. Esta Casa tem por cerca de porta do Rocio até à porta do Raimundo, tomando pela rua dos Toiros abaixo até à porta. E tem este alpendre e todo o adro sagrado assim como são as claustras ambas e a Igreja, e de banda do muro da cidade não é sagrada, posto que o seja o adro. A igreja era de sete naves, e no couce estava um coro muito honrado, e pregam no alpendre para caber a gente. A igreja de sete naves caiu, e com esmolas a tornaram a fazer os padres de três naves, e tornou a cair com parte do alpendre, de que esta casa recebeu grande perda e damno, e reinou D. Afonso V, e houve grandes guerras com Castella.*”²².

Na fase inicial foi essencialmente através da ação de particulares que se efetivou a sua instalação e a ampliação da área inicialmente ocupada²³. Mais tarde, através da localização do Paço Real nesta área conventual restrita, granjeou-lhes uma notoriedade que, por vezes, não estavam predispostos a assumir.

Cerca de 1483 iniciaram-se as obras para os fundamentos da igreja que presente-mente existe, e que foi construída com o propósito de ser capela real. Pensa-se que o seu arquiteto foi Martim Lourenço²⁴. Destas obras se encontra memória no foral que D. Manuel concedeu à cidade de Évora (Fig. 3), em 1501, e que, segundo A. Filipe Simões: “*Tem no princípio um desenho de cores, tosco e imperfeito, que representa a cidade n’aquela época, e por cima a seguinte epigraphe gótica: “Ebura colonia romana”*”²⁵. *Ahi se vê a egreja de S. Francisco, tendo as paredes incompletas com um guindaste a indicar as obras que n’ella se fazia*”²⁶. D. Manuel acrescentou à obra já iniciada²⁷, com a sua enorme nave central, uma galilé para cobrir o espaço de acesso à igreja. O encaixe deste terraço na fachada da igreja ocultando os óculos ali existentes²⁸.

Em Évora cumpriu-se a norma de implementação evolutiva dos diferentes espaços, de acordo com a prática corrente medieval, nas construções com este tipo de utilização. Pela profundidade a que se situavam os achados arqueológicos que se encontraram em diferentes intervenções na área de S. Francisco, poder-se-á supor que o terreno terá sido sucessivamente nivelado, através de aterros, de modo a ser desenvolvida a

²² A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 18, e também Gabriel Pereira, *Documentos da Cidade de Évora*, Évora, 1886, fascículos XII, XXI e XXII.

²³ O local foi referenciado toponimicamente, no ano de 1250, por Porta de Alconchel, via pública da Corredora e Fonte Santa. De notar que em 1513, quando se adquiria um prédio para a construção do novo edifício da Câmara que se situaria na Praça de Giraldo, muito próximo da primeira Porta de Alconchel, foi necessário pagar o foro anual que os seus habitantes deviam ao Convento de S. Francisco e que era de “7170 rs.”.

²⁴ José Custódio Vieira da Silva, *O Tardo-Gótico em Portugal – A Arquitetura no Alentejo*, Lisboa, 1989, p. 91. Este autor situa a reconstrução da igreja, alguns anos mais cedo, apoiando-se nos seguintes factos: “*As guerras em que D. Afonso V se envolveu com Castela decorreram entre 1475-1479, tendo-se a batalha crucial de Toro desenrolado em 1476. Se dermos crédito às palavras do cronista, seria, pois, a partir destes anos que a reconstrução e aumento da igreja de S. Francisco se teriam iniciado.*”.

²⁵ A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 32.

²⁶ A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 32.

²⁷ Tereno, Maria do Céu Simões, «Conjunto Monástico de São Francisco de Évora - notas sobre a sua conservação», in Congresso Internacional *Materiales para la elaboración de un diccionario biográfico franciscano de España, Portugal e Iberoamérica*, Priego de Córdoba, 2012, 469-480.

²⁸ Padre António Franco, *Évora Ilustrada – Extraída da Obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho*, Évora, 1945, p. 335. José C. Vieira da Silva, em obra citada, apresenta outro aspeto de interesse, que poderia justificar a paragem nas obras a decorrerem em S. Francisco.

construção. Posteriormente às demolições, terão sido os próprios materiais excedentários que terão reperfilado o terreno a uma cota altimétrica superior à medieval. Já no século XIX, com a demolição quase total do maciço construtivo situado a sul da igreja, os escombros permaneceram no local, ficando estes contidos por parede de suporte que, a poente ladeia a Rua da República (antiga Rua do Paço).

O terreno, para além de possuir água em abundância era igualmente propício à agricultura. A área exterior à primitiva cidade amuralhada, possivelmente terá sido local de vazadouro orgânico durante séculos. Situando-se anexo à antiga corredora e perto da primitiva Porta de Alconchel, igualmente em época determinada terá sido local de inúmeros currais, tornando o terreno da futura cerca conventual rico e produtivo²⁹.

Cronomorfologia cartográfica e iconográfica da implantação do convento

Considerando que à data da vinda dos franciscanos para Évora o primitivo núcleo amuralhado da cidade era já densamente edificado, estes optaram por local exterior à muralha e próximo do caminho de acesso à porta principal da cidade. O centro da vida urbana, com o desenvolvimento pós-reconquista, extravasou para o exterior do núcleo amuralhado primitivo. O peso assumido pelo convento, para a zona envolvente, constata-se com o aparecimento de núcleos de futuras áreas urbanas.

A escolha usual da Ordem para a localização de um novo núcleo religioso recaía genericamente num local fora das muralhas defensivas, perto de uma porta importante da cidade e do respectivo caminho de acesso. O Convento de S. Francisco situou-se entre duas das portas da muralha antiga (Porta de Alconchel e Portas de Moura) logo ladeado pelo “Arrabalde de S. Francisco”.

No início do século XVIII a cidade encontrava-se densamente edificada, sendo o seu limite urbano coincidente com o da cerca fernandina (Fig. 4). O Convento de S. Francisco em Évora, possuía, não obstante tal situação, ampla cerca que se estendia até à referida muralha (Figs. 5 e 6).

A cidade de Évora, na época da fundação do Convento de S. Francisco, estava circunscrita ao primeiro núcleo amuralhado romano-godo. Com a realização das primeiras cortes, em Évora em 1282, a que se seguiram onze cortes num período de dois séculos e meio, criou-se o hábito de a corte se deslocar a Évora, onde esteve com maior permanência nos séculos XIV e XV, fator que constituiu para a cidade um período de grande riqueza e resultando numa densificação habitacional circunscrita à segunda muralha fernandina.

Com as ausências prolongadas da Corte, a cidade entrou em decadência e estagnação o que determinou um decréscimo populacional acentuado. Só nos finais do século XX, a urbe se expandiu para o exterior do espaço amuralhado, após uma densificação notória de todo o Centro Histórico (Fig. 7).

Breves notas sobre a arquitetura do Convento de S. Francisco de Évora

A planta da igreja de S. Francisco desenvolve-se em cruz latina, com nave única, ladeada por seis capelas colaterais, intercomunicantes dividida por seis tramos, tribuna, transepto pronunciado, e capela-mor bastante profunda (Fig. 8). A cobertura é feita através

²⁹ Na planta a que tivemos acesso e que consta em anexo, ainda se vê a subdivisão da cerca conventual, em áreas diferenciadas, de acordo com a utilização específica.

de abóbada de berço quebrado com penetrações na nave, abóbadas de aresta nas capelas colaterais, e abóbadas de nervuras na capela-mor e nos braços do transepto (Fig. 9).

A fachada principal da igreja em Évora, encontra-se orientada a poente e é constituída por dois níveis (Fig. 10) sendo o inferior definido por galilé, com cinco arcos com contrafortes, dos quais o arco central é de maior diâmetro.

No segundo nível da fachada, rematada lateralmente também por contrafortes, existe centrado amplo janelão retangular de verga curva. O remate da empena é feito no seu vértice por uma base cónica encimada por cruz. A. Filipe Simões³⁰ descreve a estrutura da igreja de S. Francisco da seguinte forma: “*A traça que o de S. Francisco imaginou para resolver com que nem todos se atreveriam, foi muito simples e engenhosa. Em vez de uma só parede de proporcionada grossura, construiu duas de cada lado da igreja, separadas por um vão de pouco mais de 3 m, cuja parte inferior aproveitou para accomodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversais, que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversais, que são seis de cada lado, estribou igual número de arcos, que dividem o teto n’outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abóbada continuam as transversais de um lado da igreja com as do lado oposto. E em correspondência a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que igualmente continuam as transversais. D’est arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d’elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores à abóbada, e em baixo enterrados no chão. Descobrem-se, porém, sobre os telhados as paredes que transversalmente prendem as fachadas lateraes da igreja, isto é as partes superiores dos quadros. Para fazer mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinal por cima de todo o acume da abóbada, cortando assim perpendicularmente e na linha média do teto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede semelhante, que ligou debaixo do chão os dois extremos da nave [...]. Como dissemos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto do igreja, no qual reside a fortaleza com que ele tem resistido aos séculos que decorreram depois da reedificação apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes”.*

Também Celestino David³¹ ao descrever esta igreja, em Évora – na *História e na Arte*, utilizou elementos extraídos da *Crónica Seráfica* do padre Fr. Jerónimo de Belém e que refere o seguinte: “*diz que a igreja tem 218 palmos, e 60 de largo, sem haver nela parede que exceda a grossura de três palmos, nem passando a cimalha das mesmas capelas de dois terços da altura. É toda de abóbada, formada de arcos de pedra, diz o mesmo cronista, e parece sustentar-se no ar por falta de acompanhamento e repuxo; e tão desmesurada na proporção geométrica que excede as regras de arquitetura”.*

Este conjunto monástico esteve durante muito tempo associado ao poder real, que inclusivamente se apossou de parte das dependências do convento para nele se instalar³².

³⁰ Maria do Céu Simões Tereno, *ob. cit.*, para um desenho sobre a estrutura da igreja, executado com base na descrição de Augusto Filipe Simões, *Évora: Igreja e Convento de S. Francisco*, em “*Archivo Pittoresco*”, Lisboa, XI, 1868, pp. 398-399.

³¹ Celestino David, *Évora - na História e na Arte*, Porto, 1930.

³² Em 1616, D. Filipe libertou para o convento o quarto da Rainha e outros compartimentos que davam para a horta e o laranjal. Nestes aposentos foram construídos dois dormitórios sobrepostos, permitindo

S. Francisco em Goa (Ásia, 1518): breves notas históricas

O primeiro grupo de frades franciscanos chegou a Goa (Fig. 11), incluídos na frota que fez a primeira incursão em territórios da Índia³³. Todavia só deram início à construção deste convento em 1518, em Velha Goa, e foi a estrutura religiosa cristã mais antiga implantada neste território. O ambiente urbano de Goa (Fig. 12) é descrito e desenhado por D. João de Castro no seu *Roteiro de Goa a Diu [tábuas dos roteiros da índia]*, viagem que realizou em 1538³⁴, que pelo seu interesse documental se transcreve: “DESCRIVÇÃO DA ILHA £ CIDADE DE GUOA . A ilha de Guoa tem de comprido duas leguas grandes , e huma de larguo • He toda muito fragosa e cheia de pedra, tirando afora algumas várzeas onde os moradores sameam arros. Dentro desta ilha o dia doje vivem quinze mil vezinhos Canaris. A terra produz grandes arvoredos e muitas ervas; nam vive nela algum jenero de feras, porem cria infenidade de serpentes venenosas, entre as quais se acham humas cobras pequenas, que matam supitamente com ho bafo, e outras a que chamam de capelo, cujo morso he irremedeavel. Esta ilha per todas as partes se avezinha muito á terra firme como que de ma vontade recebe ho apartamento que lhe causa o rio; de modo que em muitos lugares nam chegará o intervalo a hum tiro de besta. O rio que cinge esta ilha faz duas fozes; a primeira e da banda do Sul se chama Guoa a Velha, e a segunda que jaz da páрте do Norte he chamada Guoa a Nova, onde he a morada dos Portugueses e assento dos Governadores da índia. Esta cidade de Guoa a Nova jaz na terra da ilha que se opõem ao vento Norte, ao longuo do rio, sogeita a dous montes grandes e altos que sobre ela estam muito sobranceiros, e no mais alto de ambos está edeficada huma casa de Nossa Senhora. Tem a cidade grandes e notáveis varadoiros pera naos e galês; no rio ha grande quantidade de busano, que tratam mal os navios que nele envernam, e per todo ele vivem muitos coquodrilos, animais feros e pestíferos. Nas costas da cidade está huma alaguoia muito fermosa de aguoa doce. O nome antigo da ilha he Tiçuaría, que em lingua Canari quer dizer Cem Aldeãs, como quer que dentro dela ouvesse e aja oje em dia este numero de aldeãs. Como quer que a barra da cidade de Guoa seja mais que outra alguma fraquentada e sabida, nam me pareceo neceçario fazer dela alguma tavoa, nem menos dar avisos e resguardos, aos que por ela ouverem de en trar; somente quis fazer menção de quanta aguoa aja no banco, o qual soldei muitas ve zes e em tempos diversos: por tanto avemos de saber que nesta barra sendo prea-mar o menos fundo que nela ha he .22. palmos d’aguoa, e o mais .24; e daqui em nenhum tem po faz deferença.

[TAVOA DE GUOA A NOVA.] DESCRIVÇÃO DA TAVOA DA CIDADE DE GUOA. Os dous montes que estam sobranceiros sobre a cidade sejam .A. e .R. ; nos quais ba ermida que está no monte .A. se chama Nos sa Senhora do Monte, e ha outra que se mostra no monte . B * tem a voquação de Nossa Senhora do Rosairo; mas . C . he a laguoa d’aguoa doce qu’está nas costas da cidade. .D. demonstra a ponta de Rebamda , e loguo .E. senefiqua a See da cidade , e .F. o moisteiro de Sam Fransisquo. O ponto .G. da ha entender que por aquela parte, começa a cava que rodea a cidade, por onde

novamente aos frades a vista sobre o Rossio de S. Brás.

³³ A 25 de Novembro de 1510, Afonso de Albuquerque conquistou Goa.

³⁴ Publicado por: Diogo Kopke, *Primeiro roteiro da costa da India desde Goa até Dio: narrando a viagem que fez o Vice-Rei D. Garcia de Noronha em socorro desta última cidade: 1538-1539 por Dom João de Castro*. Porto: Typ. Commercial Portuense, 1843, p. 10 e Tábuas do mesmo roteiro.

entra a maré quando crece no rio, e .H. .I. o lugar da varação das naos e galés .K. he o cais da cidade, e .L. hum baluarte que foi começado pera varejar ao longuo da ribeira, mas .M. he o Mandovim ou casa da Alfandega, e .N. o passo de Dangim e será .O. huma casa de Nossa Senhora qu'está na ilha de Divar como se contem e mostra na tavoa e descrição. Mas como seja verdade que a barra de Giioa a Velha, posto qu'estê tam propinqua á cidade e dela 4 se tenha muita neccidade pera casos fortoitos, nem por isso seja aberta e sabida dos pilotos Portugueses, parece-me justo fazer huma Tavoa dela, em que se con tenha, os baxos, restingas, amostras da terra e sinais pera proveito de todos aqueles que den tro lhes comprir entrar. Polo que avemos de saber, que Guoa a Velha he huma bahia muito grande e fermosa causada por esta maneira”.

Esta casa conventual confirma a relevância desta Ordem que conjuntamente com outras Ordens estabelecidas, como os dominicanos e jesuítas, contribuíram para a missão dos territórios recentemente descobertos e então integrados sob a alçada da monarquia portuguesa.

Este convento constituiu-se como a casa-mãe da Ordem de S. Francisco de Assis no Oriente, pelo esforço de Frei António Louro³⁵, que contou com pouco apoio do governador, tendo-se queixado ao rei. A descrição feita por Saldanha³⁶ permite uma visão das vicissitudes pelas quais passaram os primeiros frades franciscanos: “*A primeira comunidade monástica que se estabeleceu na Índia foi a dos franciscanos [...]. A oeste da catedral e contíguo ao Palácio arquiépiscopal existe ainda o seu convento com a Igreja dedicada a S. Francisco dos Pobres. Em 1517 chega a Goa frei António de Louro com mais 8 franciscanos trazendo ordens reais ao governador Lopo Soares de Albergaria, para lhes facilitar a construção de um mosteiro na cidade à custa do Estado. O governador cedeu-lhes umas casas e horta pertencentes ao tanadar João Machado, morto em Pondá, casas que demoravam no sítio onde ao presente está a cruz grande (cruzeiro) e o terreiro do convento. Os frades acomodaram-se nelas provisoriamente, formando uma capela com três altares, um coro com órgão dentro das grades e suspendendo o seu sino de dois postes. Formaram também algumas celas e a sacristia para o lado da porta.*”

Em 1520 ocorreu a colocação da primeira pedra³⁷, sendo que a planta da igreja foi projetada como de nave única, ladeada por quatro capelas. Posteriormente, em 1524, o senado de Velha Goa, comunicou ao Rei D. João III que a estrutura do edifício do convento se encontrava praticamente pronta (Pereira, 2005)³⁸. Cerca de 30 anos depois, a comunidade franciscana contava já com um grupo de 40 frades. Podendo-se presumir, assim, a importância que representava para a Ordem, esta casa situada na longínqua Ásia. Mais tarde, em 1603, a igreja foi consagrada pelo arcebispo D. Frei

³⁵ Frei António Louro enviou uma carta ao rei alegando o pouco auxílio que o governador da cidade prestou e que se limitou à cedência de algumas casas. Estas, não apresentavam as características de dignidade, consideradas como necessárias para uma casa desta Ordem. Assim pediu permissão para usar na construção desse edifício as pedras de um templo hindu que tinha sido destruído.

³⁶ Saldanha, M. J. Gabriel de (Manoel José Gabriel), 1853-1930. (1979). *História de Goa (Política e Arqueológica)*. [Panaji]: Arcadia Oriente e Ocidente de Goa, p. 33.

³⁷ Trindade, Frei Paulo da, OFM, *Conquista Espiritual do Oriente: em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis que fizeram os frades menores da Santa Província de S. Tomé da Índia Oriental...*, Parte I, 1962, p.127, nota³.

³⁸ Pereira, António Nunes, Lisboa, Fundação Oriente, 2005, pp. 77-101.

Aleixo de Meneses, sob a invocação do Espírito Santo³⁹. Com a extinção das ordens religiosas, em 1834, o convento e a igreja foram encerrados. A igreja foi reativada ao culto em 1876, através da iniciativa do governador João Tavares de Almeida. No que respeita ao restante conjunto edificado, este integra desde 1964 o museu “*Archaeological Survey of India*”.

Cronomorfologia cartográfica e iconográfica da implantação do convento

Para uma perceção próxima da que tiveram os primeiros portugueses que chegaram a Goa refira-se uma descrição da cidade de Goa, feita por Tomé Pires (1468-1540) botânico português, que visitou esta cidade em 1511, pouco após a chegada dos portugueses: “*Os gentios do reino de Goa são mais válidos que os do reino de Cambaia. Têm formosos templos seus neste reino, têm sacerdotes ou brâmanes de muitas maneiras. Há entre estes brâmanes gerações muito honradas deles, não comem coisa que tivesse sangue nem coisa feita por mão de outrem [...]. As gentes do reino de Goa por nenhum tormento não confessarão coisa que façam. Sofrem grandemente e soem ser atormentados de diversos tormentos. Antes morrem que confessar o que determinaram calar. E as mulheres de Goa são jeitosas no vestir, as que dançam e volteiam o fazem com melhor maneira que todas as destas partes. [...] e costuma-se grandemente neste reino de Goa, toda mulher de gentio queimar-se por morte de seu marido. Entre si têm todos isto em apreço e os parentes dela ficam desonrados quando se não querem queimar e eles com admoestações as fazem queimar. As que de má mente recebem o sacrifício e as que de todo ponto não se queimam ficam públicas fornicárias e ganham para as despesas e fábricas dos templos donde são freguesas. Estes gentios têm cada um uma mulher por ordenança, e muitos brâmanes prometem castidade e sustêm-na sempre. Nos outros portos de Goa se carrega muito arroz, sal, bêtele, areca.*”⁴⁰ (Fig. 13).

Numa outra descrição, realizada por Duarte Barbosa (1480 - 1521) viajante e navegador português, encontram-se referências à configuração urbana: “*É a cidade mui grande, de boas casas, bem cercada de fortes muros, torres e cubelos; ao redor dela muitas hortas e pomares, com muitas formosas árvores e tanques de boa água com mesquitas e casas de oração de gentios. A terra é toda arredor muito aproveitada [...]. Neste porto de Goa há grande trato de muitas mercadorias de todo o Malabar, Chaul e Dabul, do grande reino de Cambaia, que se gastam para a terra firme*”⁴¹.

O convento franciscano implantou-se, na principal colina da cidade, próximo do Rio Mandovi, em zona urbana central, nas imediações da Sé⁴² onde se viriam a implantar o Palácio dos Arcebispos⁴³, e também o primeiro Palácio dos Vice-Reis, até 1554, altura em que os seus ocupantes se transferiram para o Palácio da Fortaleza. Na figura 14 (ca. 1563-1611), pode observar-se a localização da nova residência dos Vice-Reis.

Verifica-se que os poderes instituídos na cidade estavam posicionados na malha urbana, em locais muito próximos: o poder do clero, através do Palácio dos Arcebispos,

³⁹ Pereira, A, *op. cit.*, pp. 77-101.

⁴⁰ A *Suma Oriental* de Tomé Pires. Ed. Armando Cortesão, 1978, p. 212-218. Ver também manuscrito original de Tomé Pires, *Soma horientall que trata do mar roxo ate os chims*, BNP, cota cod-299-2.

⁴¹ *Livro que dá relação do que viu e ouviu no Oriente Duarte Barbosa*. Lisboa: Ed. Augusto Reis Machado, 1946, p. 89-91.

⁴² Foi criada em 1533 pela bula *Romani Pontificis Circumspectio* do Papa Clemente VII (1478-1534).

⁴³ Este palácio iniciou-se nos finais do século XVI, próximo da Sé Catedral, com a qual estabelecia ligação direta.

materializado no edifício da Sé, o poder real, através do Palácio dos Vice-Reis, construído junto à margem do Rio Mandovi.

Foi possível localizar em cartografia vária, existente sobre Goa, o posicionamento do Convento de S. Francisco, através de representação iconográfica e toponímica. Nas plantas mais tardias verifica-se que as referências a S. Francisco desaparecem, e surge em seu lugar a designação do largo (mercado) de S. Francisco (Fig. 14). Existe um espólio cartográfico muito significativo sobre Goa, disperso em vários polos documentais, ilustrativos da evolução morfo-urbana da Ilha de Goa, onde se pode efetuar uma análise comparativa da evolução da cidade desde a chegada dos portugueses a estas paragens, bem como da inserção do Convento de S. Francisco no tecido urbano.

No século XVI, a cidade de Goa tinha grande densidade populacional estimando-se que fossem cerca de 300 000 habitantes. Era um porto de mar fundamental nas rotas comerciais da Índia. Mais tarde no século XVIII, com epidemias várias, e pelo assoreamento do Rio Mandovi, a capital foi realocada em Pangim, com um progressivo despovoamento e sequente degradação do tecido edificado. Atualmente, constata-se que o que foi uma cidade de grande densidade populacional e riqueza se transformou num local em que as edificações deram lugar a uma densa vegetação, subsistindo pouco mais do que os locais de culto (Fig. 15).

Breves notas sobre a arquitetura do Convento de S. Francisco de Assis em Goa

A primitiva igreja foi terminada em 1521 mas inteiramente reedificada cerca de 1661, tendo-se conservado um portal em estilo manuelino integrado na fachada maneirista da nova igreja.

A descrição de M. J. Gabriel de Saldanha sobre o conjunto, permite um vislumbre da distribuição funcional dos espaços do convento (Fig. 16) e que em seguida se transcreve, pelo seu interesse: *“Mas achando insuficiente e apertado o lugar para o vasto edifício que haviam traçado, obtiveram do governo superior a cessão do terreno adicional. Chegando a construção a certa altura, os proprietários das casas vizinhas entraram em litígio com os frades, queixando-se de ficarem privados de luz e ar, visto que as novas paredes lhes tapavam as janelas. O desgosto causado por este conflito que levava seu vizo de malograr o plano, e pela avultada quantia despendida pelo governo, abreviou a vida de frei António, que faleceu antes de liquidar a questão. Os seus companheiros foram mais felizes; continuaram as obras com a mesma solícitude e conseguiram vingar a ideia, tendo-se despendido 60 000 pardaús de ouro na construção do elegante edifício. Os franciscanos mudaram-se imediatamente para a nova casa, demolindo a que lhes servira de residência temporária (1521 ou 22). Tendo passado logo por umas reformas ligeiras, o grande convento, como lhes chama S. Francisco Xavier, já abrigava em 1548 quarenta frades, que poucos anos depois eram subsidiados pelo governo com artigos de consumo diário, no valor de 2000 pardaús anuais, sendo-lhes ainda cedidas incluídas na horta algumas casas pequenas. Em 1583 foi elevada esta comunidade à categoria de Província de S. Tomé da Índia Oriental; mas deste título usou somente desde 1622. Após um século e meio o edifício denunciou eminente ruína; conseqüentemente, em 1762 foram reedificadas as celas do dormitório do rato, a portaria e as celas contíguas à ala da Assumpta. O provincial frei António de Pádua, em 1765, acrescentou o dormitório do Guardido, com a portaria do carro, mandando lajear os claustros e a casa dos Lava-pés.*

Contudo, ainda hoje o convento é digno de atenção. No corredor contíguo à portaria principal que se abre para o sul, principia a subir para o andar superior uma longa escadaria de granito, de 32 degraus e daí se dirige, por outros 22 degraus, ao do Gates. Que é o segundo andar ou terceiro pavimento contíguo à igreja. O primeiro andar comporta 30 celas e, em diversos pontos, seis câmaras espaçosas que provavelmente eram destinadas à habitação dos que exerciam os seis cargos superiores da comunidade, a saber: o Guardiã, dois definidores, dois visitadores e o mestre dos noviços. O andar dos Gates contém apenas duas salas, que constituíam a residência do prelado ou Provincial que em certas festas aparecia à testa de toda a comunidade em lugar superior ao do Guardiã e então funcionava em todo o ofício da igreja.”⁴⁴.

Mais adiante continua a descrição: “Os seus vastos corredores são contornados por uma larga varanda assente no pátio central sobre lindas e sólidas arcadas. O res-do-chão compreende além de algumas celas, a sala do noviciado, as aulas, o espaçoso refeitório, a enfermaria e outras dependências. O dormitório principal, que olha para o adro da igreja, incluindo no seu pavimento inferior o referido noviciado, é construído, em parte, sobre a terra e, em parte sob uma abóbada sólida feita na ocasião, para elevar o nível do terreno adjacente e servir de base firme ao edifício.”⁴⁵.

A fachada é estreita e alta apresentando quatro andares (Fig. 18), com duas torres de secção octogonal. Em frente há um grande cruzeiro de granito. No piso térreo localizam-se 3 portas, apresentando a axial um frontão manuelino, e as que a flanqueiam frontões triangulares. Os pisos superiores apresentam no alinhamento das portas 3 janelas encimadas por frontões triangulares.

O interior é de uma só nave abobadada (Fig. 17), com capelas laterais e transepto pouco profundo, sendo cobertos por estuque e pinturas. Existem três capelas abertas ladeando a nave da igreja. A cabeceira da igreja é de planta retangular, sendo o coro-alto sustentado por um arco abatido. O piso da igreja, como outras igrejas de Goa, possui grande quantidade de campas epigrafadas e brasonadas. A capela-mor possui várias pinturas sobre a vida de S. Francisco de Assis e um grande retábulo de talha dourada datado de 1670, com uma imagem de Jesus na cruz abraçando com um braço S. Francisco. Referindo ainda a obra de Saldanha, já citada, encontra-se a descrição da igreja: “A igreja, que é contígua ao convento, e olha para oeste, completou-se em 1521 e foi sagrada com o título de espírito santo pelo arcebispo D. Frei Aleixo de Menezes, em 1603. decorridos muitos anos, e ameaçando ruína foi reedificada à custa de contribuições voluntárias dos católicos, sendo lançada de novo a 1ª pedra em 1661. “o arquiteto escreve Cunha Rivara, teve a descrição de conservar na igreja o primitivo portal, o que é provavelmente hoje o único fragmento, que em toda a ásia resta da nossa arquitetura portuguesa dos princípios do século XVI. Assim mesclada, representa esta igreja as duas memoráveis épocas da história dos portugueses na Índia: época gloriosa da conquista sob os auspícios do felicíssimo Rei D. Manuel, e a ‘poca lastimosa de D. afonso VI, em que os membros do grande império português se laceraram e desconjuntaram. [...] Os ornatos e molduras desse portal são de pedar preta custosa e curiosamente

⁴⁴ Saldanha, M. J. Gabriel de (Manoel José Gabriel), 1853-1930. (1979). *História de Goa (Política e Arqueológica)*. [Panaji]: Arcadia Oriente e Ocidente de Goa, p. 33-35.

⁴⁵ Saldanha, M. J. Gabriel de (Manoel José Gabriel), 1853-1930. (1979). *História de Goa (Política e Arqueológica)*. [Panaji]: Arcadia Oriente e Ocidente de Goa, p. 36.

lavrada. A sportas colaterais são relativamente estreitas. A cada uma dessas aberturas correspondem, por cima duas amplas janelas, uma acima da outra, que alumiam profusamente a galeria do fundo.

Esta imensa igreja bem construída e abobadada, recorda os numerosos triunfos da fé ali realizados com grande aparato, as festas em que milhares de catecúmenos foram ali solenemente batizados e os autos de fé celebrados pela inquisição na presença do vice-rei e da sua corte e nos quais os penitenciados abjuravam os seus erros, etc. Tem de comprimento 190 pés sobre 60 de largura. A sua arquitetura externa pertence à Ordem Toscana e a interior à mosaico coríntia.

O pavimento é coberto de numerosas campas com curiosas inscrições e brasões de armas, sob as quais repousam ilustres cavaleiros e ricas donas portuguesas. Havia 6 altares no corpo da igreja e dois no cruzeiro, que com o altar mor completavam o número de nove; mas, quatro dos primeiros estão hoje despojados dos seus ricos retábulos que foram distribuídos por várias igrejas, depois da extinção das ordens religiosas⁴⁶. [...] Tanto a capela mor como o cruzeiro se vêem desguarnecidos das respetivas grades, uma das quais passou para a igreja de Margão.⁴⁷

De referir a estreita ligação entre os poderes eclesiásticos, monárquico e da Ordem⁴⁸, que se pode inferir pela carta de Frei António ao Rei D. Manuel, escrita a 27 de outubro de 1520, e aferir na cartografia antiga, onde o Palácio dos Arcebispos é confinante com o convento, possuindo ligação direta entre ambos⁴⁹.

S. Francisco em Salvador (América, 1585): breves notas históricas

A Ordem dos frades franciscanos foi a primeira a enviar missionários para o Brasil. As primeiras missas foram celebradas em Porto Seguro, local onde aportaram os portugueses pela primeira vez (Fig. 19), e onde foi construída em 1503, a primeira igreja do Brasil, a Igreja de S. Francisco de Assis do Outeiro da Glória.

O primeiro convento foi fundado em 1585⁵⁰, em Olinda. O segundo convento franciscano foi fundado em Salvador, no ano de 1587⁵¹ num local onde já existia uma pequena capela e algumas habitações provisórias⁵². A primitiva Igreja de S. Francisco, em Salvador começou a ser construída, nesse ano, sob a responsabilidade de Frei António da Ilha, tendo sido uma pequena e modesta capela. Posteriormente, em 1686 inicia-

⁴⁶ *Idem*, p. 40.

⁴⁷ *Idem*, p. 41.

⁴⁸ “Tinha na câmara em que dormia, uma porta falsa por onde, todas as vezes que queria, vinha a este convento, e o fazia muitas vezes [...]”, Trindade, Frei Paulo da, OFM, *Conquista Espiritual do Oriente...*, Parte I, 1962, p. 367.

⁴⁹ Schurhammer, Georg, *Carta inédita sobre a fundação do convento de S. Francisco de Goa / Georg Schurhammer - Número comemorativo do IV centenário da Imprensa em Goa*, in Boletim do Instituto Vasco da Gama - n.º 74 (1957), p. 56-66.

⁵⁰ Filha, Maria Berthilde Moura, “Registros dos franciscanos em Pernambuco e Paraíba: arquitetura e identidade” in *Os Franciscanos no Mundo Português. Artistas e Obras I*, coordenação Natália Marinho Ferreira Alves, Porto, 2009, p. 180.

⁵¹ Jaboatão, Frei António de Santa Maria de, *Novo Orbe Serafico Brasilico, Parte Segunda, Livro I*. Rio de Janeiro, 1859, p.41.

⁵² Fernandes, Cybele Vidal Neto, «Considerações sobre o espaço na arquitetura franciscana no Brasil», in *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Natália Marinho Ferreira-Alves (coordenação) CEPSE, 2013, p. 283.

-se a remodelação do convento, como nos descreve Frei António Maria de Jaboatão⁵³ na sua obra *Novo Orbe Serafico Brasilico, Parte Segunda, Livro I*.

Cronomorfologia cartográfica e iconográfica da implantação do convento

No tempo que antecedeu a chegada dos portugueses ao Brasil, surgem nas representações cartográficas da época, a definição do território e a dos seus habitantes. No Atlas Náutico do Mundo, conhecido como Atlas *Miller*⁵⁴ atribuído a Lopo Homem de 1519 (Fig. 20), podem observar-se a definição dos territórios da *Terra Brasilis*, bem como a representação dos autóctones. Numa carta posterior de *H. Hondius* (1597-1651) com a designação de *Accuratissima Brasiliae tabula*, realizada em 1633, verifica-se que para além da representação territorial e designação das Capitánias, se vêm também os costumes da população bem como a tipologia construtiva autóctone (Fig. 21). A cidade de Salvador teve o seu início como uma pequena urbe, com a chegada dos portugueses ao Brasil no Século XVI. Uma das primeiras representações do complexo conventual franciscano encontra-se inserida na planta da Cidade do Salvador que foi publicada no início do século XVII, no “*Livro Que Dâ Rezaõ Do Estado Do Brasil*” (Fig. 22).

De interesse referir um mapa posterior, de 1750, com o título “*Mapa dos confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na America Meridional*”, onde se encontram delimitados os territórios atribuídos às Ordens religiosas aí implantadas e localização das respetivas missões (Fig. 23).

No século seguinte a malha urbana de traçado bastante regular era já significativa e com a definição de uma frente ribeirinha edificada. No século XVIII, através de cartografia “*Plan de la Ville de S.^t Salvador*” (1758), *Amédée François Frézier* e iconografia “*Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metropole do Brazil*” entre 1756 e 1758, do Eng. José Antonio Caldas, se pode observar a implantação e configuração do convento franciscano.

O desenvolvimento desta frente ribeirinha acentua-se no século XIX, verificando-se também um alastramento da malha urbana para nordeste e sudoeste bem visível na “*Planta da Cidade de São Salvador da Bahia...*” organizada pelo Eng. Adolfo Moraes de los Rios em 1894 (Fig. 24). Nela o quarteirão do convento encontra-se já bem definido através de arruamentos com a edificação marcada a preto. Nos séculos XX e XXI, a cidade teve uma expansão assinalável e converteu-se numa metrópole. O complexo conventual mantém os seus limites físicos, porque não houve qualquer modificação na malha urbana envolvente (Fig. 25).

Breves notas sobre a arquitetura do Convento de S. Francisco em Salvador

A planta da Igreja de S. Francisco em Salvador (Fig. 26), tem configuração em cruz latina, com nave única, três capelas laterais intercomunicantes de cada lado e transepto inserido no perímetro da base da igreja. Todo o complexo conventual se desenvolve para sul, sendo o seu claustro de planta quadrangular.

O alçado principal da igreja, cujo corpo central é composto por dois níveis, subdivididos verticalmente por pilastras e encimado por um frontão contracurvado rematado

⁵³ António Coelho Meireles, nascido em Jaboatão em 1695, tomou o nome de Frei António de Santa Maria Jaboatão, tendo morrido em 1779.

⁵⁴ *Atlas nautique du Monde*, ou atlas Miller ; 2-5 [Atlas Miller : feuilles 2 à 5] Homem, Lopo. Auteur présumé du texte.

por cruz, e revestido a cantaria. Este corpo é ladeado por duas torres sineiras rebocadas e caiadas, com quatro níveis flanqueadas por pilastras e rematadas por cobertura com forma de pirâmides quadrangulares (Fig. 27).

A nave apresenta cobertura em caixotões de formas geométricas. Nas paredes, os arcos das capelas e as janelas de sacada têm guardas de madeira torneada, completamente rodeadas por painéis de talha dourada, que vão quase até à cobertura, criando um ambiente imponente e de grande riqueza (Fig. 28).

Frei António Santa Maria de Jaboatão faz uma descrição muito pormenorizada do convento em época pouco posterior à sua construção e que se transcreve pelo seu interesse: *“Por esta mesma Escripura, consta, que quando foi feita, ja o Convento da Bahia linha ali uã caza, a qual, diz apropriã escriptura, servia para guardar a ferramenta, com que se tirava a pedra para as obras do Convento, que se fazia de novo, especialmente as da Igreja, a que poucos anos antes se havia dado principio; e he sem duvida, que para se fazer a tal caza antes da escriptura, e data da terra foi concedida a licença pela mesma Doadora. Na congregaçã de 1712 se ordenou em meza, levantar a caza de pedra, com sobrado, como se fez, com seo oratorio, e pelo tempo adiante Igreja em forma de hospicio, com varandas aos lados do corpo da Igreja, e tres corredores pequenos em modo de claustra, pelas duas bandas, e dell’as da capella môr, com dez, ou doze cellas pelos sobrados de cima, e alguãs no andar de bayxo, caza de Portaria, Refeitório, e as mais officinas necessarias para a formalidade de umã caza Religioza, Sachristia com cayxões do páo preto, espaldares de talha do mesmo, e almario de amictos, tabernaculo de talha dourada para o Santo Christo; forro com paineis de molduras douradas, lavatorio de marmore e tudo o mais com perfeiçã e adorno.”*⁵⁵.

Também a igreja, que em 1708, começou a ser construída, em estilo barroco, concluída 40 anos depois, surge na mesma obra, descrita com pormenor: *“Tem a Igreja tres altares, e no maior com tribuna, e retabulo dourado tem Lugar a Senhora da Boa Viagem, titular da caza; e nos dous collateraes, tãobem com retabulos dourados, no da parte do Evangelho a Senhora das Necessidades, e no da Epístola o Gloriozo S. Gonçallo. A todos se fazem anualmente as suas festas com Senhor Exposto, e pregação”*⁵⁶. Mais adiante continuando a descrever pormenorizadamente a igreja diz: *“He a capella mor lageada, de pedra mármore branco, e preto, em forma de alcatifa; tem a capella huã tribuna ou janela rasgada em cada um dos lãdos, e a Igreja duas por banda, com pulpito de talha dourada, ferro do tecto lizo de boa pintura de perspectiva, grades da Igrêja, e capella de páo preto torneado como taõbem as do choro com nicho, e oratorio para o Santo Cristo, de boa talha dourada, cadeiras em huã só ordem do mesmo páo preto, com seo orgão. Está a Igreja e Sacristia com todo o Ornato necessario e rico, e tudo a despeza dos Devotos e Bemfeitores”*⁵⁷.

Considerações Finais

Foram estudados três casos, em diferentes continentes e épocas de implantação distintas: os conventos de S. Francisco em Évora (Europa) de 1216, o de S. Francisco

⁵⁵ Jaboatão, Frei António de Santa Maria de, *Novo Orbe Serafico Brasilico, Parte Segunda, Livro I*. Rio de Janeiro, 1859, p. 287.

⁵⁶ Jaboatão, Frei António de Santa Maria de, *Novo Orbe Serafico Brasilico, Parte Segunda, Livro I*. Rio de Janeiro, 1859, p. 297.

⁵⁷ *Idem*, p. 298.

em Goa (Ásia) datado de 1518 e o de S. Francisco em Salvador (América), de 1585. Em todos eles, algum do legado cultural da Ordem perdurou nestes longínquos locais. Ao analisar estes três testemunhos patrimoniais, situados em diferentes espaços geo-temporais, todos erigidos em antigo território português, constatou-se o seguinte:

- a) No que respeita à implantação destes conventos, constatou-se que estas se situaram de acordo com as disponibilidades de espaço livre. Assim, em Évora a sua localização ocorreu fora da urbe, e próxima da principal porta de acesso à cidade e do local onde existiria uma ermida. Em Goa a implantação do convento verificou-se dentro da cidade amuralhada e perto da Sé. Na cidade de Salvador a construção do convento e da muralha aconteceu em datas aproximadas, tendo este ficado no seu interior e havendo nessa época uma pequena ermida em local próximo.
- b) Todas as construções foram alvo de reconstruções profundas. No caso de Évora a última ocorreu no século XVI. No caso de Goa, as intervenções de maior relevo ocorreram no século XVII. No caso de Salvador a reconstrução da igreja decorreu no século XVIII.
- c) Pretendeu-se fazer a comparação gráfica com o modelo inicial, a igreja do Convento de S. Francisco em Assis (Itália), quer através de elementos arquitetónicos, apresentados nas figuras 29, 30 e 31, quer de plantas e alçados/fotografias. A diferenciação tipológica dos alçados das igrejas é substancial, atendendo às diferentes épocas de construção que originaram as naturais influências estilísticas coevas.
- d) Em todos eles existe um fator determinante que os torna de grande interesse:
 - No caso de S. Francisco em Évora, realça-se a Capela dos Ossos (séc. XVII), localizada no primitivo dormitório dos frades.
 - No de S. Francisco em Goa salienta-se o retábulo de talha dourada (1670-5) com uma imagem de Jesus na Cruz, abraçando com um dos braços São Francisco, situado na capela-mor da igreja.
 - Na Igreja de S. Francisco em Salvador o fator mais relevante é a talha dourada que cobre quase integralmente o seu interior.
- e) Todos estes conjuntos conventuais encontram-se classificados como Património da Humanidade, pela UNESCO:
 - S. Francisco em Évora é abrangido pela classificação como Património Mundial do “Centro Histórico” da cidade (1986).
 - S. Francisco em Goa está integrado no conjunto de “Igrejas e Conventos de Goa” (1986).
 - S. Francisco em Salvador encontra-se incluído, pela classificação como “Herança do Período Colonial”, do Centro Histórico da cidade (1985).

Referências Bibliográficas

-Almeida, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida

El Franciscanismo hacia América y Oriente (2017), 1-17, ISBN: 978-84-938149-3-9

por Damião Peres, vols. I-IV, Portucalense Editora, Porto, 1967.

-Bonazzi da Costa, Mozart Alberto, «A Igreja Conventual Franciscana de Salvador: História, Talha e Arquitetura», in *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Natália Marinho Ferreira-Alves (coordenação) CEPESE, 2013, pp. 783-819.

-*Os Franciscanos no Mundo Português. Artistas e Obras I*, coordenação Natália Marinho Ferreira Alves, Porto, 2009.

-Carvalho, Afonso de, *Da Toponímia de Évora dos meados do século XII a finais do século XIV*, vol. I, Edições Colibri, Lisboa, 2004.

-Carvalho, Anna Maria Fausto Monteiro de, *Os conventos e igrejas franciscanas do nordeste brasileiro no período colonial Urbanismo – Arquitectura – Artes Plásticas*, pp. 19-37, in *Os Franciscanos no Mundo Português. Artistas e Obras I*, coordenação Natália Marinho Ferreira Alves, Porto, 2009.

-Fernandes, Cybele Vidal Neto, «Considerações sobre o espaço na arquitetura franciscana no Brasil», in *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Natália Marinho Ferreira-Alves (coordenação) CEPESE, 2013, pp. 281-307.

-Filha, Maria Berthilde Moura, “Registros dos franciscanos em Pernambuco e Paraíba: arquitetura e identidade” in *Os Franciscanos no Mundo Português. Artistas e Obras I*, coordenação Natália -Marinho Ferreira Alves, Porto, 2009, pp. 179-194.

-Jaboatão, Frei António de Santa Maria de, *Novo Orbe Serafico Brasilico, Parte Segunda, Livro I*. Rio de Janeiro, 1859.

-Pereira, António Nunes, *A Arquitectura Religiosa Cristã de Velha Goa. Segunda metade do século XVI - primeiras décadas do século XVII*, Lisboa, Fundação Oriente, 2005.

-Pereira, Gabriel, *Documentos da Cidade de Évora*, Évora, 1886.

-Saldanha, M. J. Gabriel de (Manoel José Gabriel), 1853-1930. *História de Goa*. [Panaji]: Arcadia Oriente e Ocidente de Goa, 1979.

-Santos, dos Júlio Eduardo, *S. Francisco de Assis, versão dos seus poemas, e opúsculos, acompanhada de bosquejo da vida, obra e ideal do Poverello*, Lisboa, 1927.

-Silva, José Custódio Vieira da, *O Tardo-Gótico em Portugal – A Arquitectura no Alentejo*, Lisboa, 1989.

-Simões, Augusto Filipe, «Évora: Igreja e Convento de S. Francisco», in *Archivo Pittoresco*, Lisboa, XI, 1868.

-Sonetos - CCXLVI in *Obras completas de Luis de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligencia de J. D. Barreto Feio e J. Monteiro*, Clássicos Portuguezes, Tomo II, p. 124, Pariz, 1843, na officina typographica de Fain e Thunot.

-Mattoso, José, *O enquadramento social e económico das primeiras fundações franciscanas em Portugal*, 1982.

-Miranda, Jacinto Caetano Barreto de, 1842-1879, *Quadros historicos de Goa: tentativa historica: caderneta I*. Margão, Typographia do Ultramar, 1863.

-Monteiro, Maria Filomena Mourato, *Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano de Évora na Baixa Idade Média*, tese de doutoramento em Arquitetura, apresentado à Universidade de Évora, policopiado, 2011.

-Schurhammer, Georg, «Carta inédita sobre a fundação do convento de S. Francisco de Goa / Georg -Schurhammer. Número comemorativo do IV centenário da Imprensa em Goa.», in *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n.º 74 (1957), pp. 56-66.

-Terenó, Maria do Céu Simões, «Conjunto Monástico de São Francisco de Évora- notas sobre a sua conservação», in *Congresso Internacional “Materiales para la elaboración de un*

diccionario biográfico franciscano de España, Portugal e Iberoamérica”, Priego de Córdoba, 2012, pp. 469-480.

-Trindade, Frei Paulo da, OFM, *Conquista Espiritual do Oriente...*, parte I, 1962.



Fig. 1 - Localização dos conventos franciscanos em análise.



Fig. 2 - Posicionamento na malha urbana. Fonte: Google Maps.

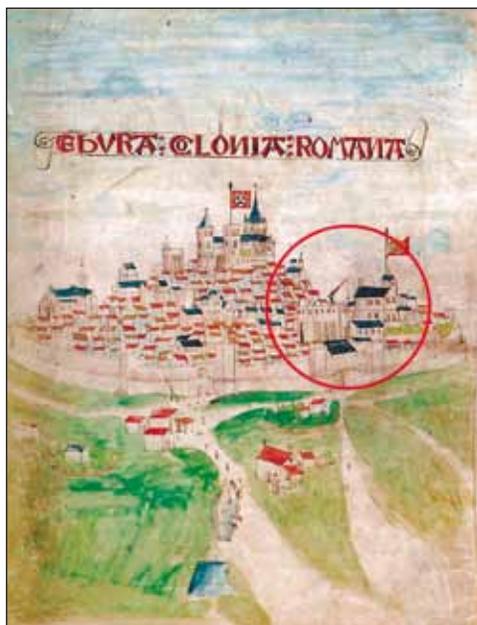


Fig. 3 - Évora. Iluminura do Foral Manuelino, 1501. Fonte: CMEvora.



Fig. 4 - Évora. "Planta da cidade de Évora", [1750-1790?]. Fonte: BNPortugal.



Fig. 5 - Évora. Extrato de planta base com implantação do Convento de S. Francisco, 1884. Fonte de base: Misericórdia de Évora.



Fig. 6 - Évora. Convento de S. Francisco, séc. XIX.
Fonte: Museu de Évora.



Fig. 7 - Évora. Localização atual do Convento de S. Francisco,
que se manteve desde a sua fundação. Google Maps.

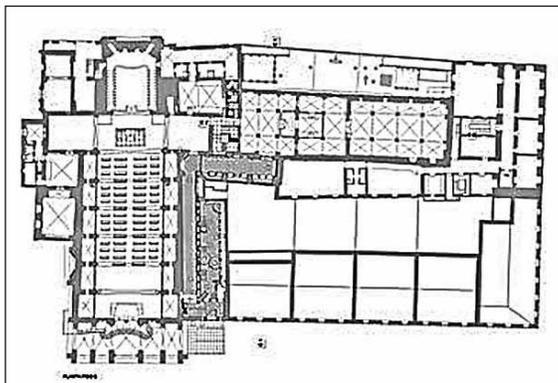


Fig. 8 - Évora. Planta da Igreja e remanescente do antigo convento.
Fonte: www.adalbertodias.com



Fig. 9 - Évora. Vista do interior da nave da igreja.
Foto: M. C. Tereno.



Fig. 10 - Évora. Vista da fachada principal da igreja.
Foto: M. C. Tereno.



Fig. 11 - Partida de Vasco da Gama para a Índia em 1497. Alfredo Roque Gameiro, 1864-1935. Fonte: BNPortugal.



Fig. 12 - Goa. Goa A Nova, pintada por D. João de Castro no seu Roteiro de Goa a Diu (1538-1539). Fonte: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

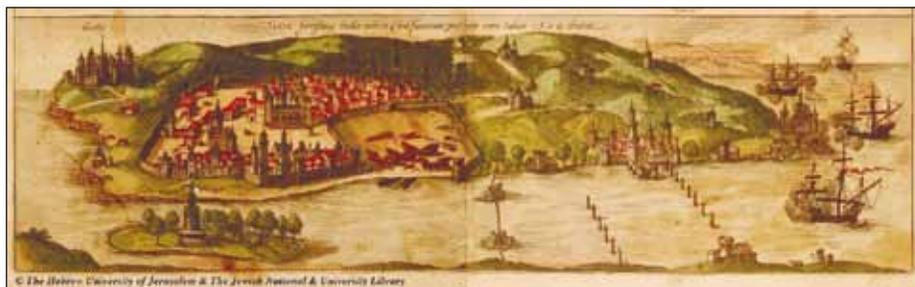


Fig. 13 - Goa. Vista de Goa em 1509, in Braun e Hogenberg, 1600. Fonte: The Hebrew University of Jerusalem.



Fig. 14 - Goa.



Fig. 15 - Goa. Localização atual da Igreja do Espírito Santo e restante complexo conventual. Google Maps.

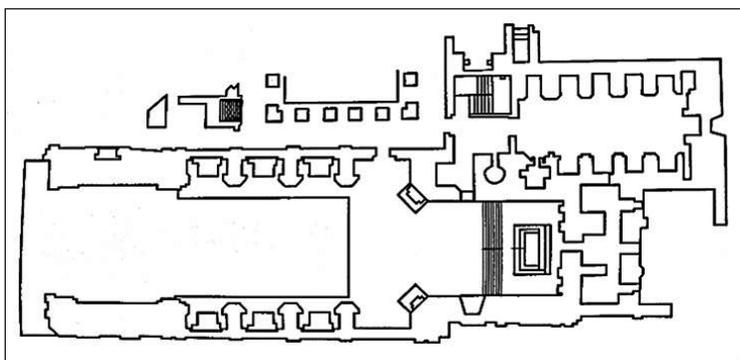


Fig. 16 - Goa. Planta da Igreja do Espírito Santo e dependências anexas do Convento de S. Francisco de Assis.
Fonte: www.slideshare.net/nss_akhil4347/goa-church-architecture.



*Fig. 17 - Goa. Vista do interior da igreja.
Foto: M. C. Tereno.*



*Fig. 18 - Goa. Vista da fachada principal da igreja.
Foto: M. C. Tereno.*

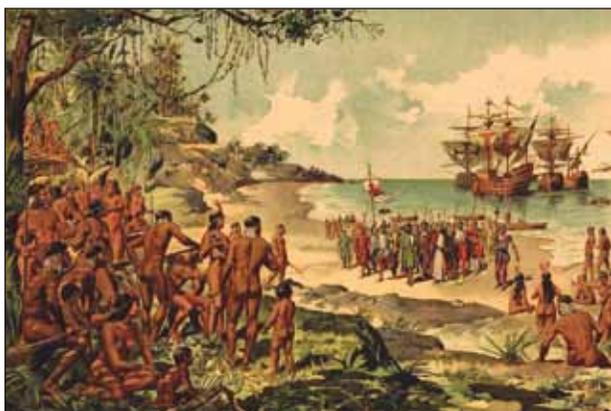


Fig. 19 - Brasil. O desembarque dos portugueses no Brasil ao ser descoberto por Pedro Álvares Cabral em 1500, Alfredo Roque Gameiro, 1864-1935. Fonte: BNPortugal.



Fig. 20 - Atlas náutico do Mundo, atribuído a Lopo Homem, 1519. Fonte: BNFrança.



Fig. 21 - Brasil. G. Gastaldi. 1556. Fonte: BUSPaulo.

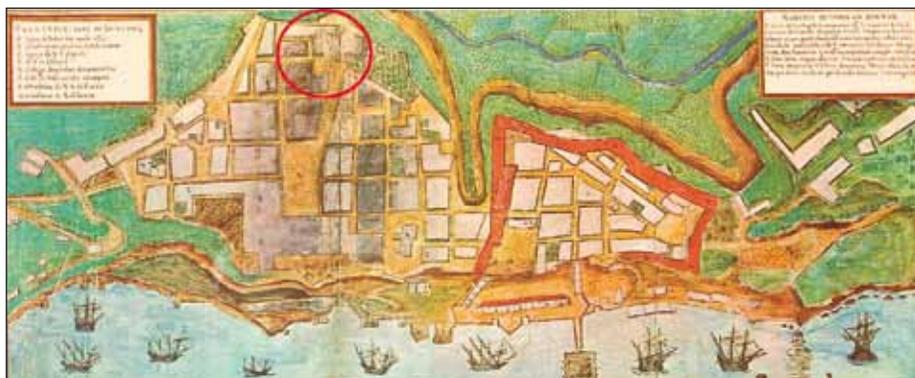


Fig. 22 - Brasil. Esta planta da Cidade do Salvador foi publicada no início do século 17, no LIVRO QUE DÁ REZAÃO DO ESTADO DO BRASIL João Teixeira Albernaz. 1616. Fonte: Biblioteca Pública Municipal do Porto.



Fig. 23 - Brasil. Mapa dos confins do Brazil com as terras da Coroa de Espanha na America Meridional base 1749, conhecido como o Mapa das Cortes (Espanha e Portugal), que serviu de referência para o Tratado de Madrid de 1750. Fonte: <http://www.historia-brasil.com>.



Fig. 24 - Brasil. "Planta da Cidade de São Salvador da Bahia ..." organizada pelo Eng. Adolfo Morais de los Rios. 1894. Fonte: BNDigital do Brasil.



Fig. 25 - Brasil. Salvador da Bahia. Localização do Convento de S. Francisco de Assis. Google Maps.

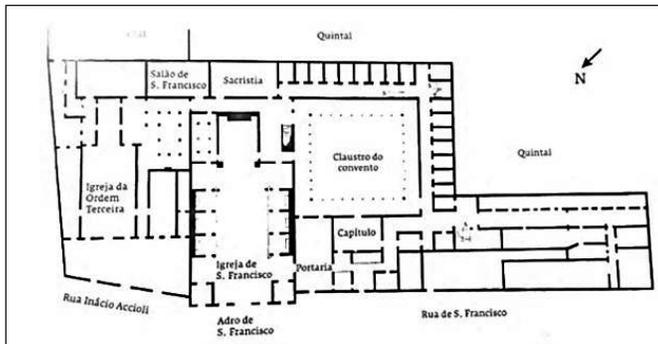
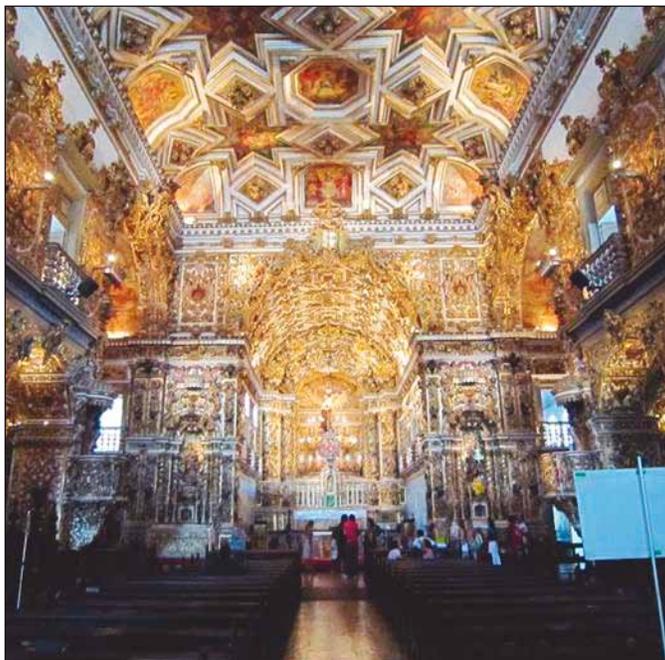


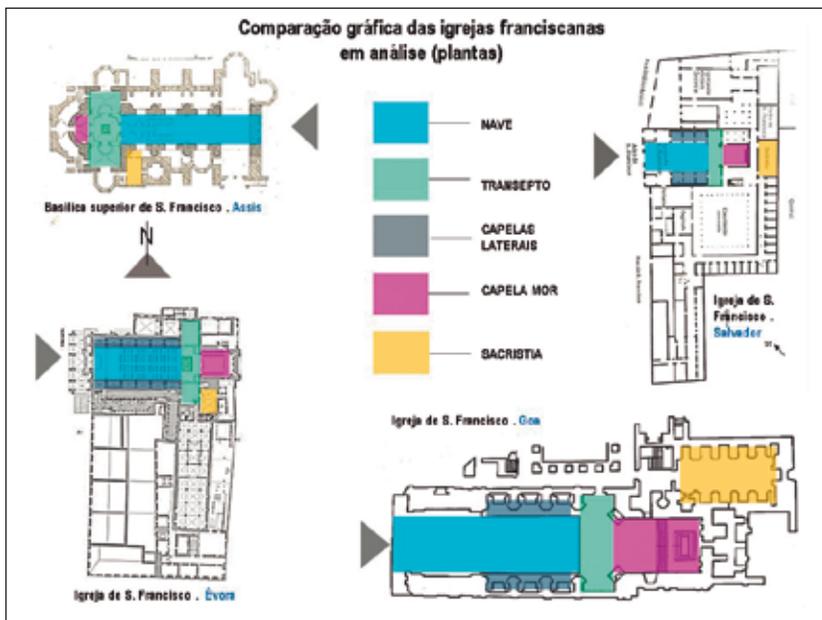
Fig. 26 - Brasil. Salvador da Bahia. Planta da Igreja de S. Francisco de Assis e complexo conventual ainda existente. Fonte: concretoemcurva.com/2017/01/25/igreja-e-convento-de-sao-francisco-da-bahia.



*Brasil. Salvador da Bahia. Vista do interior da igreja.
Foto: M. C. Tereno.*



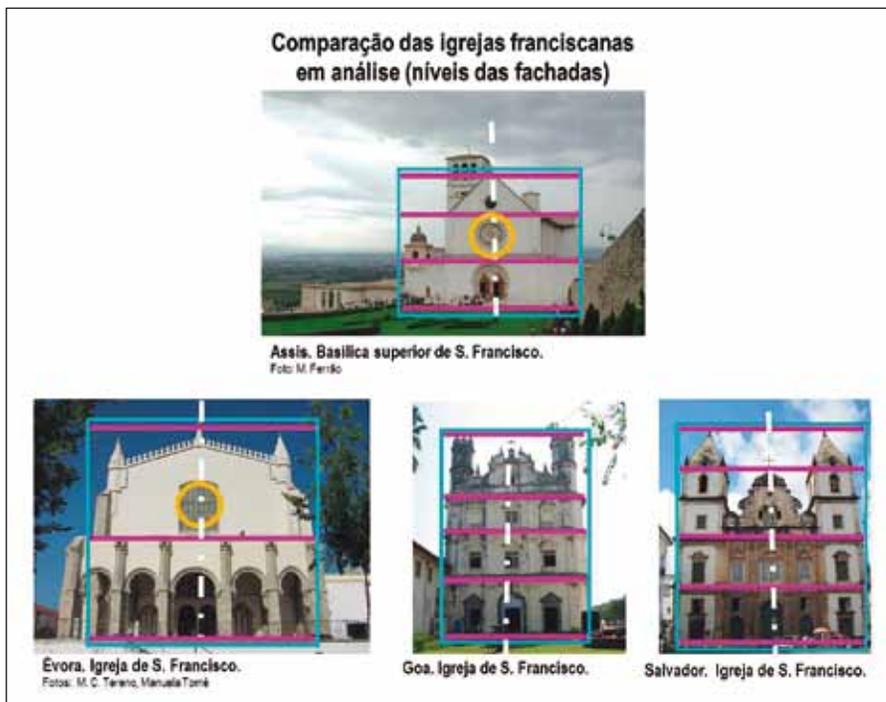
*Brasil. Salvador da Bahia. Fachada principal a igreja.
Foto: M. C. Tereno.*



Plantas das igrejas franciscanas em análise e sua comparação com a igreja da Casa-Mãe.



Alçados principais das igrejas franciscanas em análise e sua comparação com a igreja da Casa-Mãe.



*Alçados principais das igrejas franciscanas em análise e sua comparação
com a igreja da Casa-Mãe.*